



## VIGIAR, ORIENTAR E DISCIPLINAR: A SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

Sandra Nazaré Dias Bastos [\*]; Adriane Pereira Ferreira Silva [\*\*];  
Lêda Valéria Alves da Silva [\*\*\*]

Nossa pesquisa teve como objetivo principal investigar como a sexualidade é abordada em livros didáticos (LD) de Ciências do Ensino Fundamental. Analisamos quatro coleções de Ciências indicadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), esquadrinhando textos e imagens para pinçar enunciados discursivos relacionados a prescrições, determinações e qualificações para o exercício de uma sexualidade saudável, esperada ou “normal”. Entendemos os enunciados como elementos discursivos que, ao falarem da sexualidade, direcionam-se para prescrição de ações morais que determinam formas de viver, de ser, de dizer e ver (a si e aos outros) como lugares de verdade. Nossos resultados apontam para uma sexualidade adolescente, dita a partir dos aspectos morfo/fisiológicos da reprodução. Há reforço do padrão heterossexual tanto no texto quanto nas imagens. Pouco ou nada se fala sobre orientação sexual e outras possibilidades de vivência da sexualidade. É preciso dizer que nossa intenção não é desqualificar o LD e sim defender que é importante investir esforços para problematizar as lições, para além dos conteúdos escolares, que esse material vem nos ensinando. No caminho para uma sociedade menos violenta e discriminatória é preciso reconhecer a diversidade de forma positiva, assim, é preciso olhar com atenção para artefatos que, de forma sutil, silenciam e invisibilizam identidades possíveis, ao mesmo tempo em que contribuem para manutenção, circulação e fortalecimento de estereótipos. Como docentes, é preciso que estejamos atentos para problematizar e desarticular essas armadilhas, tirando-as da normalidade na qual repousam.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências. PNLD. Formação Docente. Pedagogia Cultural.

### WATCH OVER, GUIDE AND DISCIPLINE: SEXUALITY IN SCIENCE TEXTBOOKS

#### ABSTRACT

Our research aimed to investigate how sexuality is addressed in elementary school science textbooks. We analyzed four science collections recommended by the National Textbook Program (PNLD), scrutinizing texts and images to identify discursive statements related to prescriptions, determinations, and qualifications for the exercise of a healthy, expected, or "normal" sexuality. We understand these statements as discursive elements that, when discussing sexuality, are directed towards prescribing moral actions that determine ways of living, being, speaking, and seeing (oneself and others) as places of truth. Our results point to an adolescent sexuality, dictated from the morphological/physiological aspects of reproduction. There is reinforcement of the heterosexual pattern in both the text and the images. Little or nothing is said about sexual orientation and other possibilities for experiencing



sexuality. It must be said that our intention is not to discredit the textbook, but rather to defend the importance of investing efforts in problematizing the lessons, beyond the school curriculum, that this material has been teaching us. On the path to a less violent and discriminatory society, it is necessary to recognize diversity in a positive way; thus, it is necessary to pay attention to artifacts that subtly silence and render invisible possible identities, while simultaneously contributing to the maintenance, circulation, and strengthening of stereotypes. As teachers, we must be attentive to problematizing and dismantling these traps, removing them from the normality in which they rest.

**Keywords:** Science Education. PNLD. Teacher Training. Cultural Pedagogy.

## **SUPERVISAR, ORIENTAR Y DISCIPLINAR: LA SEXUALIDAD EN LOS LIBROS DE TEXTO DE CIENCIAS**

### **RESUMEN**

Nuestra investigación tuvo como objetivo analizar cómo se aborda la sexualidad en los libros de texto de ciencias de primaria. Analizamos cuatro colecciones de ciencias recomendadas por el Programa Nacional de Libros de Texto (PNLD), examinando textos e imágenes para identificar afirmaciones discursivas relacionadas con prescripciones, determinaciones y requisitos para el ejercicio de una sexualidad sana, esperada o "normal". Entendemos estas afirmaciones como elementos discursivos que, al hablar de sexualidad, se dirigen a prescribir acciones morales que determinan formas de vivir, ser, hablar y ver (a uno mismo y a los demás) como lugares de verdad. Nuestros resultados apuntan a una sexualidad adolescente, dictada por los aspectos morfológicos y fisiológicos de la reproducción. Existe un refuerzo del patrón heterosexual tanto en el texto como en las imágenes. Se dice poco o nada sobre la orientación sexual y otras posibilidades de experimentar la sexualidad. Cabe aclarar que nuestra intención no es desacreditar el libro de texto, sino defender la importancia de invertir esfuerzos en problematizar las lecciones que este material nos ha estado enseñando, más allá del currículo escolar. En el camino hacia una sociedad menos violenta y discriminatoria, es necesario reconocer la diversidad de forma positiva; por lo tanto, es preciso prestar atención a los elementos que sutilmente silencian e invisibilizan posibles identidades, contribuyendo simultáneamente al mantenimiento, la difusión y el fortalecimiento de los estereotipos. Como docentes, debemos estar atentos a problematizar y dismantlar estas trampas, sacándolas de la normalidad en la que se arraigan.

**Palabras clave:** Educación científica. PNLD. Formación del professorado. Pedagogía cultural.



## **SEXUALIDADE: AVANÇOS E RETROCESSOS DE UM TEMA CONSIDERADO POLÊMICO NA EDUCAÇÃO**

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas. Ela é construída ao longo da vida e é marcada pela história, pela cultura e pela ciência, envolvendo, além disso, afetos e sentimentos. Dessa forma, é expressada de maneira singular por cada sujeito (Verussa; Coan, 2011). Muito se discute sobre esse tema e ele está disperso nos mais diferentes meios. Para se ter uma ideia a “novela das oito” que adentra os lares brasileiros quase que diariamente, tem trazido temas considerados polêmicos que movimentam muitas rodas de conversa não apenas no sofá da sala, mas, em todas as esferas sociais. Para citar alguns exemplos, em 2014, a novela "Amor à vida" de Walcyr Carrasco trouxe à cena um beijo entre os personagens de Matheus Solano (Félix) e Thiago Fragoso (Niko) que causou comoção nacional por ser o primeiro beijo homossexual masculino em uma novela da emissora líder em audiência no Brasil. Mas, isso não era simplesmente apenas um beijo!

Segundo Drumond (2014) a tentativa de “emplacar um beijo gay entre dois homens em uma novela global já completava quase uma década”, pois essa discussão ganhou visibilidade em 2005, quando Glória Perez, autora de “América”, escreveu uma cena de beijo para Júnior (Bruno Gagliasso) e Zeca (Erom Cordeiro). A cena, que teve sete versões, foi gravada mas não foi ao ar por decisão da direção de entretenimento da emissora. Ainda em 2014 a novela “Em Família” de Manoel Carlos trouxe um beijo entre mulheres protagonizado pelas atrizes Giovanna Antonelli (Clara) e Tainá Müller (Marina). No ano seguinte, a cena de beijo entre Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) na novela “Babilônia” escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares, gerou ainda mais polêmica por mostrar a relação homoafetiva (duradoura) entre duas protagonistas idosas, fase da vida em que não se deve mais pensar “nessas coisas”. O beijo aconteceu no primeiro capítulo, e ao contrário do que aconteceu com o beijo de Félix e Niko, nada foi anunciado com antecedência. O público, pego de surpresa, respondeu com um baixo índice de audiência. Três anos depois, em 2017 foi a vez da novela “Força do Querer”, de Glória Peres, trazer para cena o tema da transexualidade a partir de Ivana,



personagem vivida pela atriz Carol Duarte. Supreendentemente a novela teve uma boa recepção, gerou grande comoção e debates sobre identidade de gênero.

Esse breve histórico a partir de um produto cultural bastante consumido no Brasil por um público amplo e diversificado, a novela, nos mostra o quanto cenas de beijo, casais homoafetivos (jovens ou não), pessoas transgênero e travestis mexem como o imaginário popular. Enquanto o mundo fictício ferve nas telas os respingos transbordam e inflamam as rodas de conversa nos incitando a perguntar: Esses debates chegam às salas de aula? Como nós docentes nos posicionamos em relação à essas questões? Discussões como essas aparecem em nosso material didático?

Embora seja um tema considerado “espinhoso”, a sexualidade invariavelmente está envolta por tabus e polêmicas e o que observamos, como bem alerta Foucault é a “multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder”, ou seja, há a incitação institucional a se falar sobre sexo e a se falar sobre isso cada vez mais. Para o autor, vivemos em uma sociedade que há muito se “fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar” (Foucault, 2020a p. 14 - 22).

A educação sexual nas escolas brasileiras remonta ao início do século XX, quando esse tema passa a integrar o currículo escolar, visando o controle à prevenção das “doenças venéreas” e, por conseguinte, a repressão da sexualidade. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1997, ela foi incluída oficialmente no currículo escolar com o tema “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual” para discutir a “sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas”, incluindo aí, os temas ditos “polêmicos”: prostituição, parafilias, disfunções sexuais, erotismo e pornografia etc. O objetivo era orientar os alunos para que pudessem “desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade” pautada no respeito por si e pelo outro e para prevenir problemas, “como o abuso sexual e a gravidez indesejada” em crianças e adolescentes (Brasil, 1998).

Apesar do grande avanço que significou esse documento, Junqueira (2009) observa que apesar dos PCNs serem o primeiro documento oficial do Ministério da Educação (MEC) a associar a sexualidade à ideia de prazer, o texto não mencionava as homossexualidades e as



transgeneridades. A orientação sexual e a tematização das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), da AIDS e da gravidez adolescente vinha aliado a um discurso de responsabilização dos sujeitos, não ensejando o aprofundamento do debate em termos mais críticos, plurais e inovadores.

Atualmente o documento curricular normativo brasileiro é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que foi gestado em meio à uma cruzada político-moral de um movimento fundamentalista e ultraconservador denominado “ideologia de gênero” que provocou o (re) surgimento de narrativas outras para censurar a abordagem de questões que envolvem gênero, sexualidade e diversidade sexual na escola. Como explicam Silva e Bastos (2024), na contramão do que se vinha discutindo com os PCNs, a BNCC limitou a abordagem dessa temática à disciplina Ciências, reforçando uma visão médico-higienista que defende como habilidades a serem desenvolvidas pelas/os estudantes, a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce. Nada mais!

No jogo de disputas que move a aprovação e implementação dos currículos escolares, não se pode desconsiderar um outro elemento que também é muito importante como orientador da conduta docente em sala de aula: o livro didático. Segundo Vasconcelos e Souto (2003), este elemento representa muitas vezes o único material didático que está disponível para o ensino/aprendizado nas escolas. Esse dado é reforçado por Frison, et al (2009) que complementam que, além de ser o único instrumento de apoio do docente, o livro didático também se constitui numa importante fonte de estudo e pesquisa para as/os estudantes.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem grande alcance e mobiliza recursos significativos da União. Longe de ser um recurso curricular neutro, esse material tem ação direta na configuração da cultura escolar, na abordagem do currículo vigente e, principalmente, na ação pedagógica docente. Diante da importância que o livro didático tem no contexto escolar, a seleção das obras que serão utilizadas em sala de aula passa a ser uma grande responsabilidade para professoras e professores, principalmente com a grande quantidade de títulos que está à disposição e circula no mercado. Desse modo, é possível afirmar ainda que a sexualidade está na escola para além do que ali é ensinado ou discutido nas aulas de Ciências e



Biologia e se materializa também em documentos que estão disponíveis a docentes e estudantes visando a regulamentação de suas condutas.

Dentro dessa perspectiva, tomamos os livros didáticos como artefatos culturais<sup>1</sup> que, para além de ensinar conteúdos, expressam e fazem circular discursos que produzem sujeitos. Ou seja, os livros didáticos fazem parte de dispositivos pedagógicos<sup>2</sup> mais amplos que se propõem, para além do ensinamento de conteúdos de ciências, ensinar também significados e condutas sobre o exercício de uma sexualidade que é dita “normal”. Diante disso, traçamos como objetivo deste estudo investigar como a sexualidade é abordada em LD de Ciências, justamente por ser tratar de um tema considerado “polêmico”, envolto em tabus e preconceitos e considerado difícil de ser abordado pelas/os docentes.

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa documental que toma como objeto de pesquisa os discursos sobre a sexualidade presente nos livros didáticos de Ciências da Natureza. Tomamos os livros como um currículo, tal como afirmam Maknamara e Paraíso (2016, p. 46), “em cuja discursividade se cruzam poder e saber no intuito de regular formas particulares de experiência”. Nesse caminho, analisamos quatro coleções de Ciências do Ensino Fundamental indicadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)<sup>3</sup> e que foram adotadas por algumas escolas da rede estadual do município de Bragança, estado do Pará (Tabela 1).

<sup>1</sup> Artefatos culturais, tais como revistas, programas de TV, músicas, imagens, livros, filmes, entre tantos outros, são currículos culturais que veiculam representações que são produzidas a partir de significados que circulam na cultura. Esse material contém pedagogias que nos ensinam modos de ser, estar e entender o mundo, construindo e reproduzindo significados sociais (Andrade, 2017).

<sup>2</sup> Para Fischer (2002) os dispositivos pedagógicos operam no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e suas subjetividades, por meio da produção de significações (saberes) que se dirigem, de alguma forma, à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

<sup>3</sup> Como professoras escolhemos essas coleções pois elas ainda servem como fonte de estudos e pesquisas para docentes e estudantes das escolas em que atuamos no campo do Estágio Supervisionado e PIBID, mesmo que edições mais atualizadas estejam disponíveis. Cada coleção é composta por quatro volumes e somente os livros do 8º ano foram analisados, pois é nessa etapa que se estuda o corpo humano, com a sexualidade sendo abordada na unidade que discute o sistema reprodutor humano.



Inicialmente buscamos nas coleções os volumes que abordavam o tema sexualidade em suas unidades e, nesse levantamento inicial, constatamos que apenas os livros de 8º ano continham assuntos relacionados à sexualidade. De posse dessa informação os livros foram separados e codificados como LD1, LD2, LD3 e LD4 (Tabela 1).

**Tabela 1** – Descrição dos livros didáticos de Ciências utilizados nessa pesquisa

Livro	Título	Autoria	Edição/ano	Editora
LD1	Ciências: O corpo humano	Carlos Barros e Wilson Paulino	5ª/2013	Ática
LD2	Ciências: Nosso corpo	Fernando Gewandsznajder	1ª/2013	Ática
LD3	Jornadas. Cie	Maíra Rosa Carnevalle	2ª/2012	Saraiva
LD4	Projeto Araribá – Ciências	Maíra Rosa Carnevalle	4ª/2014	Moderna

**Fonte:** Dados organizados pelas autoras

Nosso próximo passo foi analisar detalhadamente o conteúdo de cada livro tendo em vista um roteiro baseado nas seguintes perguntas: Quando a sexualidade é abordada? b) Quais sexualidades (para além da sexualidade heteronormativa) são discutidas? c) Onde elas aparecem e como? A partir das ferramentas foucaultianas de análise do discurso, buscamos esquadrihar textos e imagens para pinçar desse conjunto os enunciados discursivos relacionados a prescrições, determinações e qualificações para o exercício de uma sexualidade saudável, esperada ou “normal”. Enunciados estes que, ao falarem da sexualidade, direcionam-se para prescrição de ações morais que determinam formas de viver, de ser, de dizer e ver (a si e aos outros) como lugares de verdade.

Assim, entendemos o discurso como elemento constitutivo de um sistema de produção de saberes que está diretamente relacionado às relações de poder presentes em uma sociedade. Ao analisar os discursos sobre a sexualidade presentes em livros didáticos buscamos compreender as condições históricas que possibilitaram o surgimento de determinados conhecimentos e a exclusão de outros, evidenciando que toda produção discursiva está inserida em um contexto social, político e institucional específico (Foucault, 2012).

Nesse contexto, compreendemos os enunciados discursivos como unidades fundamentais que compõem os discursos. Para além de uma simples frase ou proposição lógica, o enunciado



é um acontecimento que adquire sentido dentro de determinadas condições históricas de existência. Um enunciado é definido pelas relações que estabelece com outros enunciados, pelos objetos aos quais se refere, pelas posições de sujeito que autoriza e pelas práticas institucionais que o sustentam. Dessa forma, a análise dos enunciados permite identificar as regras que organizam a formação dos discursos e compreender como determinados saberes se tornam legítimos em uma época específica (Foucault, 2012).

## **SEXUALIDADE ADOLESCENTE: É PRECISO VIGIAR, ORIENTAR E DISCIPLINAR**

Cabe às/aos docente de Ciências do 8º ano abordar essa questão em sala de aula. Além disso, outra coisa que nos chamou à atenção é que somente em um dos livros a unidade que trata da sexualidade está localizada no início do programa, nos demais o sistema reprodutor, ao qual invariavelmente esse tema está relacionado, é o último sistema a ser estudado.

Sabemos que sexualidade na escola é um tema bastante delicado. Envolve tensões tanto do lado das professoras e professores, que na maioria das vezes se sentem inseguras/os para abordar os temas pertinentes a esse assunto, quanto às/aos estudantes que cheios de curiosidade às vezes se sentem inibidas/os ou retraídas/os para fazer perguntas. Nesse sentido, muitos/as docentes sentem receio e preferem nem tocar no assunto por não se sentirem capacitadas/os para tal abordagem no ambiente escolar (Nogueira et al, 2016). Outras/os docentes reclamam da falta de material didático específico para o tema, de conversas paralelas na hora da aula, da dispersão das/dos estudantes, além da não aceitação de alguns pais que não concordam com a abordagem do tema na escola (Novak, 2013; Nogueira et al, 2016).

Sendo o assunto delicado e de difícil tratamento é preocupante que seja abordado apenas no final do livro, pois geralmente as/os professoras/es não chegam a discutir os conteúdos que aí se encontram durante o ano letivo. Isso é especialmente mais frequente quando levamos em consideração a situação de várias escolas, nas quais muitas aulas acabam sendo suprimidas, seja pela falta de docentes ou em decorrência de um calendário escolar apertado com muitas demandas. Outra característica observada nos livros analisados é que a sexualidade



ali abordada é uma sexualidade essencialmente adolescente. Mesmo considerando que é provavelmente nessa fase que as/os estudantes do 8º ano se encontram, nada se fala sobre as demais fases da vida e de como a sexualidade está presente e é importante em cada uma delas.

A adolescência é apresentada como um momento de transformações físicas, psicológicas e sociais, período em que ocorre a passagem da infância para a vida adulta, a fase em que se busca a construção de identidades e na qual a sexualidade “aflora”. Também é dita como uma fase de irresponsabilidade e na qual, muitos problemas, como a rebeldia e a imaturidade, acontecem. É uma época na qual as pessoas estão cheias de dúvidas e que precisam ser preparadas para o “exercício saudável” de sua sexualidade. Essa fase é assim pontuada nos livros didáticos:

A adolescência é um período de muitas indagações, em que a pessoa inicia sua caminhada no “mundo dos adultos”. Alterações psicológicas são mudanças na mente da pessoa, ou seja, em sua maneira de pensar e essas alterações trazem mudanças na maneira de agir (LD1, p. 73).

Costuma-se dizer que a adolescência é uma fase de dificuldades, crises, conflitos, dúvidas, confusões, revoltas. Mas é também uma fase de descobrir coisas, de soltar a imaginação, de experimentar a liberdade de criar, de discutir ideias, de formar novas amizades e, é claro de namorar (LD2, p. 256).

A puberdade é o período de mudanças anatômicas, fisiológicas e psicológicas, ou seja, mudanças relacionadas à estrutura e ao funcionamento do corpo, ao amadurecimento sexual e aos relacionamentos afetivos e sexuais (LD3, p. 210).

Essa fase pode ser muito difícil para alguns jovens, pois as transformações que ocorrem no corpo podem levá-los a se sentir diferentes, desajeitados ou preocupados, perguntando-se se a nova aparência é comum saudável... (LD4, p. 162).

Nessa fase de descobertas e de instabilidade emocional as/os adolescentes devem ser “orientados” no sentido de saberem como se prevenir das consequências de suas investidas e descobertas sexuais que, invariavelmente, podem culminar em uma “gravidez precoce ou indesejada” ou alguma “infecção sexualmente transmissível<sup>4</sup>”. Dentro desse contexto a sexualidade deve ser, não somente orientada mas, vigiada, controlada e cercada de cuidados. Foucault (2020a) alerta que através do poder da Medicina, da Pedagogia e da Justiça ocorreu

<sup>4</sup> Em todos os livros analisados a nomenclatura utilizada é “doenças sexualmente transmissíveis”.



uma “campanha secular” com objetivo de controlar a sexualidade infantil. O objetivo era controlar os sujeitos, vigiando-os mantendo-os sobre ameaças de punição.

O que os livros apresentam em seus textos nada mais é do que um conjunto de prescrições que visam manter sob controle uma sexualidade que é dita imatura. É a atualização de um discurso que descreve claramente as consequências de quem não cumprir os passos para o exercício de uma sexualidade saudável. Dentro desse contexto a prevenção é a palavra de ordem que direciona a abordagem da sexualidade nos livros didáticos. Ela também parece ser o ponto de culminância do tema, pois sempre aparece fechando a unidade ou capítulo.

Nos quatro livros analisados os textos destacam os perigos da atividade sexual “irresponsável”, ressaltando os impactos que uma gravidez pode causar na vida dos adolescentes. A argumentação emprega um tom de alerta sobre atitudes impensadas (uma “transa sem compromisso”) que podem culminar com o abandono da escola, que por sua vez pode levar à uma situação de instabilidade financeira, com o adiamento (ou abandono) de planos para o futuro.

É na sexualidade, que começa uma das principais preocupações dos pais, pois **uma “transa” pode levar a gravidez precoce e ao contágio de doenças sexualmente transmissíveis** (LD1, p. 74, grifos nossos).

A gravidez na adolescência é uma das principais preocupações dos pais, porque geralmente **traz consequências profundas para a vida dos jovens** envolvidos, dos bebês e das famílias[...]. **Cuidar de uma criança exige condições que os adolescentes em geral ainda não têm** [...] Cuidados constantes, carinho, **orientação de adultos responsáveis como tempo disponível e condições financeiras para criá-los** (LD1, p. 72-74, grifos nossos).

Tornar-se pai e mãe na adolescência pode ser muito difícil, **seja pela interrupção dos estudos, seja pela dificuldade de se adaptar à nova realidade** (LD3, p. 211, grifos nossos)

Tornar-se pai ou mãe na adolescência significa **antecipar as responsabilidades** paterna e materna (LD4, p.178, grifos nossos).

O encaminhamento dos livros, sem exceção, fundamenta-se no diálogo médico-sanitário com orientações direcionadas à necessidade de preparação para a prática sexual. Recomendam-se procedimentos e comportamentos que vão atuar sobre os corpos adolescentes, disciplinando-os acerca das condições de como essa prática deve ser realizada (Campos-Corrêa; Silva, 2022). A recomendação geral é: é preciso ter responsabilidade, visão de futuro além de planejar, com



cuidado, um ato que pode ter consequências indesejadas. Desse modo, a vida sexual se organiza e se limita a partir de duas possíveis consequências como se nada mais houvesse além disso.

Tais recomendações partem do esquadramento do corpo (em nível anátomo-fisiológico) para orientar os comportamentos no sentido de regulação cautelosa da ação sexual. Como nos explica Foucault (2014) é dócil um corpo que, ao ser submetido a regras, pode ser transformado e aperfeiçoado. Não se trata aqui apenas de cuidar do corpo, mas de trabalhá-lo detalhadamente e de exercer sobre ele uma coerção. Nas palavras do autor, esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, e que realizam a sujeição constante de suas forças, lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade que implica em seu disciplinamento. O disciplinamento tem como principal função aumentar o domínio de cada um sobre seu próprio corpo, por meio de múltiplos processos que muitas vezes são mínimos e de origens diferentes e de localizações esparsas, que se “recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral” (Foucault, 2014, p. 165).

Um aspecto interessante em relação à gravidez nos livros didáticos que analisamos é que, embora as recomendações do texto sejam direcionadas aos adolescentes de maneira geral, e em alguns casos se mencione responsabilidades maternas e paternas, as imagens correspondentes a essa unidade são sempre de figuras femininas que, invariavelmente estão sozinhas, como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1** - Representação da gravidez nos livros didáticos





**Fonte:** Montagem elaborada pelas autoras a partir das imagens encontradas nos livros analisados

Dessa forma, embora o artigo masculino seja utilizado com valor genérico, abrangendo tanto o gênero masculino quanto o feminino, para destacar as consequências que atingem “os jovens” ou “os adolescentes” de uma forma geral, acabam por reforçar que a responsabilidade com a criança (ou sobre como evitá-la) cabe à mulher-mãe. Não é por acaso que a maioria dos métodos contraceptivos apresentados nessa unidade estejam relacionados ao gênero feminino (pílula anticoncepcional, diafragma, DIU, camisinha feminina). Outro ponto interessante é que, quando se fala da pessoa grávida, ela deixa de ser qualificada como “adolescente” e passa a apresentada como “mulher”, como é possível observar a seguir:

O momento da geração de um bebê é **um período de grandes mudanças para a mulher. Quando ocorre muito cedo, a gravidez pode significar, para os pais ou principalmente para a mãe da criança, ter de abrir mão da própria adolescência** (LD4, p. 178, grifos nossos).

A representação da gravidez dessa forma remete à uma experiência “natural” do gênero feminino pressupondo que haja uma predisposição biológica para tal. Além disso, essa forma de abordagem, que foca em um leitor geral, desconsidera as particularidades de cada sujeito e que pode haver formas diferentes de enxergar e viver esse processo. Corpos trans não estão incluídos nessa experiência e a gravidez como resultado de um ato de violência e não consentimento também não. Falar sobre interrupção da gravidez (aspectos legais, possibilidade, consequências, direito) muito menos!

Rangel e Queiroz (2008) em uma pesquisa realizada com adolescentes grávidas, mostram que engravidar na adolescência depreende duas conotações com polaridades inversas e que estão relacionadas com o nível socioeconômico. Para adolescentes de nível socioeconômico mais alto, a gravidez é um processo ruim, pois as tira da condição de filhas (portanto de seres passíveis de cuidado) e as remete ao papel da mãe (aquela que cuida). Já para adolescentes de nível socioeconômico mais baixo, ser mãe representa uma possibilidade de iniciar um núcleo familiar e com isso elas passam a ser vistas com mais respeito e destaque, já que saem do estágio de meninas e alcançam o de mulher.



Situação semelhante é descrita por Barreto et al (2011) quando afirmam que entre as adolescentes que entrevistaram havia o desejo de engravidar como fator motivador da gestação, com elementos fortemente voltados à vontade de entrada no mundo adulto, de libertação e de independência. Após o início da gravidez e a superação da reação negativa da família (e às vezes, do parceiro) a fase seguinte passava a significar amadurecimento, responsabilidade e a mudança de vida para a fase adulta.

Para evitar uma gravidez indesejada, geralmente ao final do capítulo relacionado à reprodução, os livros trazem ainda a discussão sobre métodos contraceptivos que também são indicados para prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. Nos livros LD1, LD2 e LD4 a abordagem biomédica de saúde é bem detalhada, trazendo informações sobre o agente etiológico das doenças, seus vetores, as formas de contaminação, os riscos de contágio, além dos principais sintomas. Em todos os livros analisados, a AIDS é infecção abordada com maior destaque.

É certo que esse tipo de informação é importante e necessária, no entanto, o que questionamos aqui é a forma como aparece e é direcionada ou seja, o que problematizamos é a abordagem biomédica usual, na qual a saúde é entendida principalmente como ausência de doenças desconsiderando que os fatores relacionados à saúde são muito mais amplos e abrangentes. Martins (2017) explica que as condições de saúde dependem das condições que se tem para viver num dado meio socioambiental, incluindo trabalho, educação, cultura, moradia, saneamento, lazer, convívio social etc. Por essa abordagem socioecológica o compromisso de promover a saúde envolve também ações de caráter individual que estão imbricadas ao coletivo e ao político. Aqui o corpo é analisado mediante a incorporação de dimensões psicológicas e sociais dos indivíduos, passando a ser visto como uma totalidade dinâmica e integrada ao ambiente que o cerca.

O resultado imediato quando se desconsidera esse tipo de abordagem é que os conhecimentos trabalhados em sala de aula estão dissociados do que se vive na realidade, sendo comum que as/os estudantes consigam entender/memorizar parte do que se apresenta, sem que incorporem em seu cotidiano o que “aprenderam” nas aulas de Ciências. É o que explica Altmann (2009) quando observa que quando se fala de métodos contraceptivos na escola a



justificativa empregada é unicamente o planejamento familiar pelo controle do número de filhos e isso, não necessariamente, faz parte das preocupações das/os estudantes.

A possibilidade de optar por não tê-los não é cogitada, assim como sua utilização não é justificada pela associação do sexo ao prazer. Além disso, seu uso é relacionado ao mundo adulto e não a jovens [...] que namoram ou que “ficam” eventualmente com alguém [...]. Sem o reconhecimento social – e escolar – das diversas formas de os adolescentes relacionarem-se sexualmente, a transmissão de informações pode ter um impacto limitado em suas vidas. A não-legitimidade de determinadas formas de relação, como a entre dois “ficantes” ou entre homossexuais, pode dificultar o acesso à informação e a preservativos, assim como intervir negativamente na sua utilização (Altmann, 2009, p. 192).

Outro ponto importante é o clima de medo que se instaura nessa parte do currículo, uma verdadeira “pedagogia do terror” (Santana; Waldhelm, 2009) que dissocia a sexualidade do prazer, atrelando-a apenas a consequências indesejadas. Ayres (2009) discorre sobre o quanto é problemático associar, por exemplo, a infecção pelo HIV ao sofrimento e à morte, uma vez que na atualidade é grande o número de pessoas vivendo com AIDS, que podem ser sentir agredidas, desestimuladas e desmobilizadas por este tipo de abordagem, pois com o terror não há o necessário diálogo entre os sujeitos, não há intersubjetividade criadora que se estabeleça; não há a politização e subjetivação dos comportamentos.

## **EM UMA SEXUALIDADE ANÁTOMO-FISIOLÓGICA, ONDE FOI PARAR A AFETIVIDADE?**

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade (Sarmiento, 2010). Embora seja um componente muito importante, percebemos o quanto a afetividade está dissociada da sexualidade nos livros didáticos. Apenas dois livros a mencionam em seus textos:

Relações sexuais e reprodução envolvem **também** emoções, sentimentos e comportamentos que são influenciados pela cultura. E cada pessoa tem sua maneira de pensar e de agir, seus valores éticos e espirituais, seus projetos de vida (LD2, p. 216, grifos nossos).

Uma relação sexual com uma pessoa de quem se gosta é mais do que um breve momento



de prazer. Também é **muito mais do que uma relação física**. É uma maneira de se envolver com a outra pessoa, de trocar carinho, de ser companheiro, de mostrar afeto. E tudo isso pode ser prazeroso (LD2, p. 258, grifos nossos).

Na espécie humana, as relações sexuais e a geração de filhos **não representam apenas um mero processo de interação física** e de transmissão de genes de pais para filhos. Existem outros aspectos envolvidos nessa situação (LD1, p. 52, grifos nossos).

Nesses excertos os autores pretendem mostrar que a sexualidade não é apenas biológica, ligada à reprodução, mas, ao contrário envolve um conjunto de sensações indissociáveis a esse processo. No entanto, observamos que na medida em que a leitura avança a afetividade dá lugar aos componentes biológicos relacionados à morfologia e fisiologia do sistema reprodutivo. Assim, a perspectiva morfofisiológica da sexualidade humana toma corpo e passa a ser a abordagem que conduz o tema em todos os livros. Sexo e sexualidade aparecem apenas vinculados à necessidade de reprodução das espécies, como pode ser observado a seguir:

Meninos e meninas pouco a pouco se tornam maduros sexualmente, ou seja, **capazes de se reproduzir e gerar descendentes** (LD3, grifos nossos).

O sexo garante a perpetuação das espécies. **O macho cruza com a fêmea quando seu organismo está propício para gerar filhos** (LD1, p. 53, grifos nossos).

Entendemos que essa forma de pensar não implica em uma concepção ligada somente à sexualidade, mas, corresponde a uma ideia de estar no mundo. A associação entre sexualidade e reprodução costuma aparecer como algo “natural” quando se define o ser vivo a partir de funções biológicas como nascer, crescer, alimentar-se, reproduzir-se e morrer. Nessa lógica, a reprodução vira um dos critérios centrais para reconhecer a vida, e a sexualidade é frequentemente reduzida a essa função reprodutiva. No entanto, essa redução empobrece tanto a noção de sexualidade quanto a de ser vivo, porque transforma a vida em um conjunto de finalidades biológicas fixas. Em vez de pensar o ser vivo apenas como organismo voltado à conservação da espécie, é possível compreender a vida como um campo mais amplo de relações, afetos, prazeres, normas e modos de existência. Assim, a sexualidade não se limita a reproduzir, mas participa da maneira como os sujeitos vivem, significam o corpo e organizam socialmente suas experiências.



Os estudos desenvolvidos por Foucault (2020a; 2020b; 2020c) mostraram que a sexualidade não é apenas um dado biológico mas, um objeto histórico, em que discursos científicos, médicos, escolares e religiosos passaram a administrar a vida das populações, ligando sexo, corpo e reprodução a normas de controle social. É nesse sentido que a sexualidade se conecta à própria definição do que conta como vida legítima, saudável e normal: o ser vivo é pensado não apenas biologicamente mas, também, politicamente, dentro de estratégias de regulação dos corpos. A reprodução, então, deixa de ser somente um processo “natural” e passa a funcionar como critério de normalização, classificando condutas, identidades e práticas sexuais.

Ao se restringir a discussão da sexualidade apenas a seus aspectos biológicos, deixamos de considerar outros tantos aspectos que são essenciais e estão imbricados no processo, tais como os desejos, pulsões, sentimentos e emoções. Desse modo, a abordagem anátomo-fisiológica se limita a descrever a morfologia dos órgãos genitais, associando a eles uma funcionalidade específica como é possível ver a seguir:

O clitóris propicia prazer sexual na mulher (LD1, p. 58).

O pênis possui tecidos que se enchem de sangue quando o homem fica sexualmente excitado... (LD2, p. 220).

[...] A ejaculação é acompanhada de uma sensação de prazer conhecida como orgasmo (LD2, p. 220).

[...] o clitóris contribui para o prazer sexual da mulher para que ela chegue ao orgasmo (LD2, p. 222).

Além disso, o corpo que aparece representado nos livros nunca é um corpo inteiro. Ele é apresentado isolado, fragmentado e reduzido apenas aos órgãos sexuais. As imagens também não apresentam pelos ou qualquer outra marca. A pele é lisa, uniforme, sem manchas ou diferenças de coloração. Outro detalhe é que o corpo apresentado é um corpo branco (ou que pretende ser branco) e a cor fantasia em nada lembra o espectro de cores possíveis na espécie humana. Além disso, os autores não fazem relação entre esse “corpo despedaçado” com as demais partes estudadas nos sistemas vistos anteriormente. Também não se faz referência ao funcionamento do corpo como um todo.



Sobre essa questão Santana e Waldhelm (2009) alertam que é muito difícil para a/o estudante se reconhecer nessas imagens. Nas palavras das autoras, quando o corpo aparece, inevitavelmente, ele está seccionado em cortes transversais ou longitudinais “pênis e vaginas, em geral, só aparecem em cortes "estratégicos", expondo apenas sua anatomia interna”. Como autoras de livros didáticos elas afirmam que a opção de colocar os corpos inteiros (e com as estruturas externas visíveis) na coleção que escreveram causou diversos problemas. Em escolas confessionais, mesmo que as/os docentes manifestassem explicitamente o desejo de adotar os livros escritos por elas, a presença de imagens de vulvas e pênis foi motivo de proibição das obras por parte da coordenação/direção das escolas. As autoras reforçam ainda que, algumas vezes, apenas o livro que abordava especificamente esse conteúdo não foi adotado pela escola. Elas dizem:

Poderíamos publicar um anedotário com as narrativas de fatos semelhantes ao da aluna, da antiga sétima série, que um dia foi vista desenhando roupas em todas as (poucas) figuras (parcialmente) nuas do livro didático que utilizávamos; ou o ocorrido em uma escola, cuja professora de ciências venceu a resistência da coordenadora e adotou a coleção, houve relato de uma mãe de aluna de treze anos que grampeou as páginas do nosso livro que continham figuras de vulvas, pênis, camisinha e similares. Registramos que a imagem da vulva causou mais espanto que as que retratavam pênis. Parece haver maior naturalidade no trato com a anatomia masculina. Não é à toa que a maioria das mulheres (e homens) refere-se à vulva como vagina. Em suas escolas, nos seus livros didáticos, possivelmente, só estudaram anatomia interna do corpo feminino (Santana; Waldhelm, 2009, p. 17).

Diante desse contexto é necessário que a sexualidade seja abordada para além do viés biológico levando em consideração relações culturais e sociais nas quais os alunos estão inseridos, mesmo que isso seja um processo lento e que envolva a quebra de alguns paradigmas educacionais.

## **SEM DIVERSIDADE, A SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS TAMBÉM É CIS-HETERONORMATIVA**

Refletir sobre a escola como espaço democrático é reconhecer seu caráter universal que deveria garantir acesso e permanência para todas as pessoas, independente de suas singularidades. No entanto, como instituição socializadora, ela reproduz dinâmicas sociais que



são “aceitas” e ditas “corretas”, como a heteronormatividade (Santos; Oliveira; Nogueira, 2020).

De forma geral do livros adotam uma linguagem neutra para descrever a relação, o desejo ou a excitação sexual que acontece entre duas pessoas, como podemos observar no LD1 quando afirma que a

“relação sexual [...] é uma das expressões mais íntimas que pode haver no **relacionamento entre duas pessoas**, pois envolve emoções profundas (LD1, p. 53, grifos nossos).

Embora a relação ou excitação sexual esteja limitada aos seus aspectos fisiológicos, quando se emprega uma linguagem neutra e indefinida, com a utilização de termos como “as pessoas” ou “os adolescentes” a primeira impressão nos leva a dizer que parece não haver um direcionamento para a heterossexualidade como norma. No entanto, observamos que não são consideradas outras formas de viver a sexualidade que não sejam aquelas vividas pelo par homem/mulher, que por sua vez são apresentados em uma possível relação sexual como perfeitamente compatíveis e complementares. Nesses casos a vagina é o receptáculo para o pênis, como pode ser observado nos trechos a seguir:

Na parede vaginal abrem-se ductos canais de glândulas que sob a ação de estímulos sexuais, produzem um líquido que lubrifica a vagina e **facilita a penetração do pênis** (LD2, p. 222, grifos nossos).

Durante a troca de carícias a secreção vaginal aumenta e **facilita a penetração do pênis** (LD2, p. 223, grifos nossos).

No seu interior (vagina), encontram-se glândulas secretoras de muco responsáveis pela lubrificação da vagina **que facilita a penetração do pênis** (LD3, p. 202, grifos nossos)

Além disso, as imagens, mesmo que em número reduzido, também reforçam o padrão heteronormativo, pois todas elas trazem meninos e meninas formando casais (Figura 2).

**Figura 2** – Casais representados no LD3





**Fonte:** Montagem elaborada pelas autoras

Petry e Meyer (2011) explicam que a heteronormatividade regula e normatiza os modos de ser e de viver a sexualidade dentro de uma perspectiva biologicista que determina apenas duas possibilidades quanto à anatomia sexual humana: o feminino/fêmea e o masculino/macho. Assim, todos aqueles corpos que “escapam” e trilham outros trajetos transgridem as normas esperadas ao assumirem outras formas de viver a sexualidade e seu gênero. Para Santos (2010) a heterossexualidade é um padrão que tem efeito de norma

a heteronormatividade tem a ver com heterossexualidade e com normas, regras, modelos, padrões. Em outras palavras, trata-se de um padrão de sexualidade (aqui entendida como um dispositivo histórico) que tem a qualidade ou força de uma norma. Essa qualidade ou força da norma adquirem maior expressividade quando passamos a relacioná-la e a interpretá-la no sentido do que deve ser, ou seja, no sentido do que é, supostamente, “natural” ser (Santos, 2010, p. 4).

Dessa forma, aquela/e que não obedece a esta norma está fora do padrão, ou seja, fora da norma. O que está fora da norma é o anormal. Foucault (2010) nos explica que a ideia de anormalidade se insere dentro de uma tecnologia de controle que legitima determinados discursos como verdades e é a partir deles que serão considerados os desviantes do padrão. Os desviantes, justamente porque não se adequam à norma, são facilmente observados por destoarem do grupo e, quando esses corpos se rebelam ou não se adequam às tentativas de normalização, eles são passíveis de punição.

os aparelhos disciplinares hierarquizam, numa relação mútua, os “bons” e os “maus” indivíduos. Através dessa microeconomia de uma penalidade perpétua, opera-se uma diferenciação que não é a dos atos, mas dos próprios indivíduos, de sua natureza, de suas virtualidades, de seu nível ou valor. A disciplina, ao sancionar os atos com exatidão, avalia os indivíduos “com verdade” (Foucault, 2014, p. 205).



A regulamentação, portanto, se constitui como instrumento de poder e as marcas que significam *status*, privilégios, filiações, tendem a ser vistas como o conjunto que compõem a norma. São os sinais de filiação a um corpo social homogêneo que é o ponto de partida para a classificação, hierarquização e distribuição de lugares sociais. O poder de regulamentação que obriga à homogeneidade, individualiza e permite identificar e medir os desvios. Dentro de uma homogeneidade, que é a regra, o poder introduz as medidas e toda a gradação das diferenças individuais (Foucault, 2014, p. 209).

Assim, ao apresentarem apenas casais formados pelo par homem/mulher ou ao se referirem às relações sexuais como acontecendo apenas entre homens e mulheres, os livros desconsideram outras possibilidades de relações e afetos. Isso reforça o padrão heterossexual ao mesmo tempo em que considera fora da norma aquilo que não está de acordo com esse padrão. Isso é particularmente mais grave quando consideramos que a orientação sexual das pessoas que são dissonantes ao que é considerado padrão, pode torná-las susceptíveis a preconceitos, tabus e crenças que podem culminar com reações de discriminação e violência.

Levantamentos realizados pelo Grupo gay da Bahia (GGB<sup>5</sup>) estimam que, no Brasil, entre 1963 e 2023 aconteceram 7233 mortes violentas por conta de identidade de gênero e diversidade sexual. Oliveira, Saito e Souto (2022), no entanto, chamam à atenção para a subnotificação dos casos, uma vez que muitos registros não classificam a vítima como sendo da comunidade LGBTQIA+, o que indica que a situação é muito mais grave do que esses números mostram. Nas palavras dos autores, viver no Brasil é extremamente perigoso para essa comunidade, que tem seus membros agredidos e mortos pelo simples fato de existirem e viverem suas particularidades.

Tragicamente esse cenário também se reproduz na escola. É o que mostra uma pesquisa realizada no Brasil com adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais sobre as experiências que tiveram nas instituições educacionais relacionadas a sua orientação

---

<sup>5</sup> O Grupo Gay da Bahia (GGB) é a mais antiga ONG LGBT da América Latina. Os dados deste levantamento baseiam-se em informações coletadas na mídia, nos sites de pesquisa da internet e correspondência enviada ao GGB, já que não existem estatísticas governamentais sobre esses crimes de ódio contra a população LGBT. Para acessar os relatórios e a descrição do grupo é preciso acessar o link: <https://grupogaydabahia.com.br/o-que-e-o-ggb/>



sexual e/ou identidade/expressão de gênero. Os dados levantados mostram a escola como uma instituição marcada pela insegurança de estudantes LGBT<sup>6</sup>, que relatam serem vítimas de diversos tipos de agressão e violência, sem que haja o devido apoio das/dos professoras/es e corpo técnico escolar para combater, ou mesmo, contornar tais situações (ABGLT, 2006).

Nesse contexto a escola se apresenta como uma instituição que não é capaz de lidar com a diferença e a pluralidade funcionando assim como uma instituição que não apenas reforça, mas, que mantém e dissemina normas de gênero produtoras da heterossexualidade afastando aqueles que não se adequam às suas normas. Diante da hostilidade a que são cotidianamente submetidos é muito simples, e até mesmo leviano, afirmar que há a evasão dessas/es jovens do ambiente escolar. Como bem nos explica Berenice Bento, ao pontuar que como não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade, quando se fala de escola

tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que “contaminam” o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão. É importante diferenciar “evasão” de “expulsão”, pois, ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia (Bento, 2011, p. 555).

Apesar de prementes essas questões ganham pouco espaço para discussão nos livros didáticos que analisamos. Apenas um deles sinaliza em poucas linhas a preocupação de que as pessoas devem ser respeitadas, independentemente do interesse sexual que manifestam, como podemos ver a seguir:

**“As pessoas nascem do sexo masculino e feminino, mas é ao longo da vida que vão descobrindo sua sexualidade. Independente do interesse sexual todas as pessoas devem ser respeitadas”** (LD3, p. 211, grifos nossos).

Interessante perceber que mesmo que sinalize a possibilidade de haver “interesses sexuais” diversos, o início da frase puxa o tom para apenas duas possibilidades de existência, desconsiderando que a biologia humana é muito mais diversa que o modelo estritamente binário. Então, mesmo que os livros didáticos não contenham linguagem claramente discriminatória ou preconceituosa eles podem contribuir para a manutenção desses valores na

<sup>6</sup> Mantivemos a nomenclatura LGBT tal como aparece no relatório produzido pelo GGB.



sociedade ao invisibilizar, ou mesmo, apagar a diversidade existente. O silenciamento e a invisibilização de determinados grupos também é uma forma de posicionamento, uma forma de como se entende que a sociedade é constituída. Sutilmente e sem alarde, é assim que o padrão cis-heteronormativo também nos é imposto: pelo apagamento do “outro”. Para Lionço e Diniz (2009) essa omissão denuncia a censura ao tema, uma vez que a sexualidade não-heterossexual, em sua dimensão de superação da lógica reprodutiva e supostamente natural, é um interdito, constituindo-se em um tabu.

Bastos (2014) explica que o visível e o invisível não estão na dependência apenas de nossos olhos. Ver de um determinado jeito não depende do aguçamento do sentido da visão, mas de como, por meio de técnicas minuciosas e capilares, somos ensinados a ver de um determinado modo. O que se vê (e o que se pensa) é instituído pelo discurso, que longe de informar uma verdade a produz. De modo que o que vemos não é a verdade que emerge das coisas mas, o produto da exterioridade que cada um de nós traz sobre si (e sobre os outros), daquilo que se entende como mundo “real” (Veiga-Neto, 2007).

Para Imperatori et al (2008) a ausência da afirmação da diversidade sexual no material didático-pedagógico atribui à/ao docente e à direção das escolas a total responsabilidade de trazer esse tema para sala de aula. Os autores afirmam ainda que o debate sobre a diversidade sexual nas escolas deve ser mais abrangente e não pode ser limitado às discussões sobre o comportamento das/os adolescentes, suas conquistas, paqueras e o início da vida sexual. Há muito mais a ser dito e discutido em nossas salas de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos esse texto ficamos pensando que, por mais linda e interessante que seja, a Biologia não dá conta de tudo! Como professoras comprometidas com o ensino da vida, em suas mais diversas dimensões, não podemos nos furtar de olhar para a vida que circula nas escolas (e portanto na sociedade) e que não é levada em consideração em nosso fazer pedagógico, vida que não está representada nos materiais didáticos que muitas vezes utilizamos como a base de nossas aulas. Nesse lugar o silêncio grita e, às vezes, da pior forma possível.



Nunca foi nossa intenção desmerecer ou desconsiderar o potencial e a importância dos livros didáticos na escola. Entendemos que esse recurso, muitas vezes, é o único material bibliográfico que a/o estudante tem, é o único livro da casa e, justamente por este motivo, desqualificar esse material seria um enorme contrassenso. O que pretendemos com essa pesquisa foi fazer um exercício desconfortável de desconstrução de certezas que se mostram inabaláveis, duradouras, inquestionáveis. Concordamos que andar sobre o solo firme é muito mais confortável e transformá-lo em areia movente sob nossos pés, é o desafio que estamos propondo.

Na contemporaneidade as políticas de identidade sexual, passaram a ressignificar a representação de práticas sexuais e a sua importância no contexto de uma sexualidade segura. Essa postura caminha no sentido de dar novo significado ao entendimento da relação sexual, levando em consideração a variedade de práticas, possibilitando visibilizá-las no contexto escolar e sugerindo uma lógica plural para a Educação Sexual (Furlani, 2008). Não podemos ignorar que corpos diversos e plurais circulam em nossas escolas. São corpos desejantes de vida, que têm anseios e que pulsam latentes em suas singularidades, mas, que não se reconhecem nas páginas do material didático que é utilizado em sala de aula.

É necessário investir esforços para problematizar as lições, para além dos conteúdos escolares, que os livros didáticos vêm nos ensinando. No caminho para uma sociedade menos violenta e discriminatória é preciso reconhecer a diversidade de forma positiva, também é preciso olhar com atenção para artefatos que, de forma sutil, silenciam e invisibilizam identidades possíveis, ao mesmo tempo em que contribuem para manutenção, circulação e fortalecimento de estereótipos. Como docentes, é preciso que estejamos atentos para problematizar e desarticular essas armadilhas, tirando-as da normalidade na qual repousam.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. D.; COSTA, M. V. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista** (Belo Horizonte) n. 33. 2017. <https://doi.org/10.1590/0102-4698157950>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente**



**Educacional no Brasil 2015:** as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

ALTMANN, H. Educação sexual em uma escola: da reprodução à prevenção. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, jan./abr. 2009. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100009>

AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/AIDS: Lições aprendidas e desafios atuais In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – PR. 2009. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832002000200002>

BARRETO, R. C. V.; GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C.; MARQUES, S. C.; PERES, E. M. Representação social da gravidez na adolescência para adolescentes grávidas. **Rev Rene**, Fortaleza, 2011 abr/jun; 12(2):384-92.

BASTOS; S. N. D. **Retrato falado do professor de Biologia:** Ciência e docência em discurso. 2014. 202 p. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas). Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas. Belém, Pará. 2014.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2): 548-559, maio-agosto/2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ciências Naturais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

CAMPOS-CORRÊA, L. M.; SILVA, E. P.Q. AIDS: o diálogo entre livros didáticos de Ciências (PNLD 2017/2020), professores/as e alunos/as. **Revista de Educação PUC-Campinas**, [S. l.], v. 27, p. 1–17, 2022. DOI: 10.24220/2318-0870v27e2022a5765.

DRUMMOND, L. G. **Amor à Vida:** Um marco da representação homossexual nas novelas das oito da Globo. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação (ECO), 2014.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo Pedagógico da Mídia: modos de educar na e pela TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2012.



FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020c.

FOUCAULT, M. **Os Anormais**. Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. ISBN 9788532605085.

FRISON, M. D.; VIANNA, J.; CHAVES, J. M.; BERNARDI, F. N. Livro didático como instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de Ciências naturais. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - ENPEC**. Florianópolis, SC, 2009.

FURLANI, J. Mulheres só fazem amor com homens? A educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000200009>

IMPERATORI, T. Qual diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? Fazendo Gênero 8 - **Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

JUNQUEIRA, R. D. Políticas de educação para a diversidade sexual: Escola como lugar de direitos. In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009. 196 p.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? In: LIONÇO, T.; DINIZ, D. (Orgs). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras Livres : EdUnB, 2009. 196 p.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAÍSO, Marlucey Alves. Pesquisas pós-críticas em educação: notas metodológicas para investigações com currículos de gosto duvidoso. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, p. 41-53, 2013. <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2013.v22.n40.p41-53>

MARTINS, L. **Abordagens da saúde em livros didáticos de Biologia: Análise crítica e proposta de mudança**. 2017. 165 p. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências). Universidade Federal da Bahia. 2017.



NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**. Ano 32, Vol. 3. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf> Acesso: dezembro de 2025.

NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao trabalhar educação sexual nas escolas**. 2013. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Brasil, Medianeira. Disponível em: [https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21926/2/MD\\_ENSCIE\\_III\\_2012\\_20.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21926/2/MD_ENSCIE_III_2012_20.pdf) Acesso: janeiro de 2026.

OLIVEIRA, M.; SAITO, H. T. I.; SOUTO, D. L. Violência contra LGBTQIA+ no Brasil: práticas pedagógicas como instrumento/ação de prevenção. **Periódico Horizontes – USF – Itatiba**. [S. l.], v. 40, n. 1, p. e022033, 2022. DOI: 10.24933/horizontes.v40i1.1332. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1332> Acesso: fevereiro de 2026.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 10, n. 1, jan./jul. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/7375> Acesso em: junho de 2026.

RANGEL, D. L. O.; QUEIROZ, A. B. A. A representação social das adolescentes sobre a gravidez nesta etapa de vida. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, vol. 12, núm. 4. Dezembro de 2008, pp. 780-788. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452008000400024> Acesso: janeiro de 2026.

SANTANA, M. C.; WALDHELM, M. C. V. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009. <https://doi.org/10.22409/resa2009.v2i2.a21040>

SANTOS, L. H. S. Heteronormatividade e educação: Algumas questões para (re)pensar o cotidiano escolar. **Anais do XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais**, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, T. A.; OLIVEIRA, W. F. S.; NOGUEIRA, P. H.Q. Experiências de professoras/es LGBTQIA+ dentro de uma escola. **Pergaminho**. n. 11. 2020. Texto disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/pergaminho/article/view/2280> Acesso: janeiro de 2026.

SARMENTO, N. R.G. **Afetividade e aprendizagem**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) - Curso Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.



SILVA, A. P. F.; BASTOS, S. N. D. La sexualidad en los libros de texto de Ciencias Naturales: ¿Qué lugar ocupa la homoafectividad?. **Bio-grafia: escritos sobre la biología y su enseñanza**, v. 17, p. 871-879, 2024.

VASCONCELOS, S. D.; SOUTO, E. O livro didático de ciências no ensino fundamental – proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico. **Ciência & Educação**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 93-104, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000100008>

VEIGA-NETO, A. Paradigmas? Cuidados com eles! In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007

VERUSSA, A. C. C.; COAN, C. M. O trabalho sobre sexualidade nas escolas municipais de campo mourão- PR na concepção dos gestores educacionais. **Revista de Educação do IDEAU – REI**. Vol. 6 – Nº 14 - Julho - Dezembro 2011.

#### SOBRE A AUTORIA:

[\*] Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Faculdade de Ciências Biológicas (IECOS-UFPA) e do Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Campus Universitário de Bragança. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4924-2743> - E-mail: [sbastos@ufpa.br](mailto:sbastos@ufpa.br)

[\*\*] Licenciada em Ciências Naturais (UFPA). Especialista em Alfabetização e Letramento. Docente da Secretaria de Educação do Município de Bragança-PA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4317-9933> - E-mail: [adrianeferreira000@gmail.com](mailto:adrianeferreira000@gmail.com)

[\*\*\*] Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente da Secretaria de Educação do Município de Belém, PA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6570-6408> - E-mail: [leamaral@gmail.com.br](mailto:leamaral@gmail.com.br)

---

Submetido em: 09 de Abril de 2026.

Aprovado em: 30 de Maio de 2026.

Publicado em: Junho de 2026.